



Faria de Oliveira, presidente da Associação Portuguesa de Bancos.

entrevista

Faria de Oliveira "Bancos têm sustentabilidade garantida nos próximos dois anos"

Empréstimos do BCE e depósitos das famílias garantem a liquidez necessária à banca, garante o presidente da APB

Texto: Bárbara Barroso

Termina hoje o prazo dado pela Autoridade Bancária Europeia (EBA) para os bancos cumprirem a meta de um rácio de capitais de base (core tier 1) de 9%, acrescido de uma almofada financeira para fazer face às perdas relacionadas com as dívidas soberanas. Os bancos portugueses conseguiram cumprir a meta, mas alguns - BCP e BPI - tiveram de recorrer à ajuda pública para o fazer.

Ao Dinheiro Vivo, Fernando Faria de Oliveira, presidente da Associação Portuguesa de Bancos (APB), explica o que mudou na banca depois da recapitalização.

Considera que os bancos ficaram numa melhor situação depois da recapitalização?

Os bancos apresentam, neste momento, uma boa situação de solvabilidade, com rácios de core tier 1 que obedecem aos critérios definidos no âmbito do programa de ajustamento e aos requisitos da EBA relacionados com os haircuts da dívida soberana. De facto, os bancos estão a cumprir plenamente os planos de desalavancagem previstos e, ao mesmo tempo, prepararam, com os seus acionistas ou com a utilização dos mecanismos de recapitalização criados, os aumentos de capital que se justificavam.

Os bancos estão mais sólidos?

Do ponto de vista da solidez das instituições, para além dos bons rácios de capital apresentados, há ainda que referir dois aspetos positivos: quer os stress tests quer as

auditorias externas às carteiras de crédito realizadas no âmbito da aplicação do programa de ajustamento vieram confirmar que os bancos estavam bem apetrechados em termos de solvência e que os seus modelos de análise de risco eram adequados.

Como está a atual situação de liquidez dos bancos?

No que se refere à liquidez, a situação melhorou francamente nos últimos meses devido, por um lado, ao bom comportamento dos depósitos e, por outro, à política de concessão de liquidez do Banco Central Europeu (BCE). Podemos dizer que os bancos portugueses têm praticamente assegurada, em termos de liquidez, a sua sustentabilidade durante os próximos dois anos.

A rentabilidade dos bancos tem sido afetada. Quais as principais razões?

Do lado da rentabilidade, os bancos portugueses estão a ser afetados por vários fatores: a diminuição da margem financeira, pressionada pelo perfil das carteiras, nomeadamente nas instituições que têm uma quota significativa de crédito à habitação e de créditos a longo prazo, com spreads desajustados das atuais circunstâncias de mercado; aumento do incumprimento devido à crise económica, principalmente de empresas, obrigando os bancos a registar imparidades e a reforçar provisões; registo de imparidades devido às depreciações da carteira de títulos, fruto da volatilidade do mercado de capitais; aumento do custo dos depósitos. Todos estes fatores vêm contribuindo para baixar a rentabilidade dos bancos. Como é sabido, no final de 2011, vários bancos apresentaram mesmo prejuízos, mas àqueles fatores adicionou-se o impacto pontual da transferência dos Fundos de Pensões para a Segurança Social.

Cumprindo as metas dos rácios, estabelecidos pela EBA e Banco de Portugal, a banca fica em melhores condições de financiar a economia?

Os bancos são fundamentais para apoiar a economia e o seu crescimento. Quando nos referimos ao financiamento da economia não estamos apenas a pensar no crédito, há outros fatores muito relevantes, que muitas vezes não são devidamente considerados.

Quais?

É o caso do pagamento atempado de faturas entre empresas e entre o Estado e as empresas. É preciso re-

solver rapidamente a situação de atraso nestes pagamentos, por vezes muito excessivos, que penalizam fortemente a exploração das empresas. E é também a utilização do mercado de capitais que, ao contrário dos Estados Unidos, onde 75% da economia é financiada pelo mercado de capitais, na Europa são os bancos que financiam dois terços da economia - o mercado de capitais tem um peso muito inferior ao que seria de esperar. Portanto, o acesso ao crédito é determinante para as empresas. No entanto, por razões prudenciais, o balanço das empresas, a sua capitalização e a capacidade de prestar garantias são muito importantes para obter crédito em condições razoáveis.

Ter bancos bem capitalizados é essencial para apoiar a economia?

A banca portuguesa vai ter de estar na primeira linha do apoio ao crescimento económico e mesmo constituir-se como o seu motor, apoiando a exploração corrente das empresas, os investimentos para a sua modernização e os novos investimentos, designadamente no sector dos bens transacionáveis. É por isso que é tão essencial ter uma banca forte e recapitalizada.

Quais as empresas a apoiar?

A concessão de crédito às empresas com balanços saudáveis, às empresas competitivas e inovadoras, com bons projetos, é uma das funções principais que a banca cumpre. Mas também a sua participação em instrumentos de recapitalização das empresas, em capital de risco (semente, mezanine, de desenvolvimento), no incentivo ao acesso e utilização do mercado de capitais (emissão de obrigações, p.e.) e, muito em especial, nos mecanismos de reestruturação financeira das empresas estão a revelar-se muito importantes. É muitas vezes feita a acusação de que o crédito não chega à economia. Ora, na grande maioria dos casos, o que acontece é que as empresas não apresentam balanços adequados, não têm possibilidade de apresentar garantias suficientes, estão descapitalizadas, não passam o crivo da avaliação de risco. E este, com as novas exigências da supervisão e regulamentação, não pode deixar de ser ainda rigoroso.

PONTO FINAL Bancos tinham até hoje para cumprir as metas da EBA: rácio core tier 1 de 9% acrescido de um buffer para a dívida soberana.